

CONSELHO GERAL DA ESEL

ATA nº 6/CG/2019

Aos vinte e oito dias do mês de março de dois mil e dezanove, pelas nove horas, reuniu nas instalações da Escola Superior de Enfermagem de Lisboa o Conselho Geral da ESEL, estando presentes os seguintes conselheiros:

Alexandra Tavares de Moura; Ana Cristina Miranda Romano Fontes Pereira de Melo; Ana Maria Dias Crespo Bento Fialho em substituição da conselheira Maria Teresa Sarreira Leal; Ana Nunes de Almeida; João Manuel Braz Veiga em substituição da conselheira Maria Adriana Pereira Henriques; João Pedro Pereira Rosado; Luís Velez Lapão (Presidente); Manuel Barroso Silvério Marques; Margarida Peixoto Alves; Maria da Graça Vinagre da Graça em substituição do conselheiro João Carlos Barreiros dos Santos; Maria Emília Campos Brito; Maria Isabel Félix dos Santos (Vice - Presidente); Maria Manuela Azevedo Saraiva Calado Marques; Maria Odete de Carvalho Lemos e Sousa; Olga Maria Ordaz Ferreira.

Esteve também presente na reunião, a Presidente da ESEL Professora Doutora Maria Filomena Mendes Gaspar, para além de vários elementos da comunidade académica.

A presente reunião teve como ponto único a audição pública dos candidatos selecionados ao cargo a Presidente da ESEL, João Carlos Barreiros dos Santos e Maria Adriana Pereira Henriques, conforme Edital publicado no site institucional da ESEL desde quinze de março de dois mil e dezanove.

O Presidente do Conselho Geral tomou a palavra, dando as boas vindas a todos os membros conselheiros e comunidade académica presente. Verificando que havia quórum, deu início à reunião esclarecendo que, de acordo com o Regulamento da eleição do presidente da ESEL e da deliberação constante na ata nº 5 de 14 de março de 2019, no que concerne à definição da metodologia da apresentação do currículo e plano de ação dos candidatos, o primeiro fará a sua apresentação pelas 9 horas, e o segundo pelas 11 horas e 30 minutos, conforme a ordem de entrega das candidaturas. Dispondo cada candidato de quinze minutos para a apresentação do currículo e quarenta e cinco minutos para apresentar o seu programa de ação. Após as apresentações de cada uma das candidaturas, cada membro do CG dispõe de 2 minutos para perguntas, dispondo o candidato de igual tempo para responder.

De seguida o Presidente do Conselho Geral convidou o candidato, João Carlos Barreiros dos Santos a apresentar, nos termos do regulamento da eleição do Presidente da ESEL, o seu currículo, seguido da apresentação do seu programa de ação para o quadriénio de 2019-2023.

Após o candidato ter terminado a apresentação do currículo e do plano de ação, o Presidente do CG, deu início à sessão de perguntas.

O conselheiro João Veiga formulou as seguintes perguntas: “considerando que a ESEL tem feito um investimento na utilização das tecnologias da informação na atividade pedagógica, limitando-se à utilização da plataforma Blackboard, muito aquém das potencialidades desta, com uma implicação residual na formação avançada:

- Que reestruturação pretende fazer na organização dos recursos e que investimentos considera prioritários?
- Que compromissos pode assumir em termos de objetivos para a ESEL no âmbito da oferta formativa com base em e/b-learning?”

Em síntese o candidato referiu que a área de e-learning é uma área claramente a precisar de desenvolvimento e que a estrutura que a ESEL tem hoje e os recursos existentes a ela alocados não serão suficientes para garantir uma expansão futura nesta área. Assim, referiu que é uma das áreas em que deve haver investimento, tendo em conta a importância da utilização desta ferramenta não só na formação tradicional da ESEL; ela pode permitir alargar a formação no 2º ciclo, bem como noutros projetos formativos, que a partir desta ferramenta poderão ser muito mais atrativos ao público, com formas de participação muito mais ágeis e mais adequadas às necessidades de formação. Referiu ainda que a produção de conteúdos multimédia pode também ser utilizada numa perspetiva de serviço à comunidade através do desenvolvimento de projetos formativos com instituições parceiras ou com a comunidade em geral. Refere que devem ser construídos instrumentos de educação para serem colocados à disposição da comunidade e também para os docentes de forma a serem capazes de produzir e alterar o seu modo de funcionamento com esta plataforma, perspetivando uma oferta formativa de outra natureza. Conclui que com mais recursos e alguma formação tornaria as pessoas muito mais capazes.

A conselheira Alexandra Tavares de Moura, cumprimentou e congratulou o Prof João Santos, afirmando que via no plano de ação muitas das respostas a questões que são sentidas pelos serviços como fundamentais. Referiu-se a uma área importante para as IES que é a da responsabilidade social e sustentabilidade, nomeadamente no que respeita à diminuição de consumo de papel, tendo solicitado exemplos concretos para materializar essa preocupação que viu refletida no plano apresentado.

Em síntese o candidato referiu que a descentralização desta competência pode acontecer a várias dimensões sendo uma delas a da supra circulação na escola decorrente da utilização de ainda muito papel, nomeadamente a documentação que pelo seu procedimento circula por várias pessoas e serviços. Afirmou que a ESEL neste momento já dispõe de um dispositivo informático, que permite já hoje avançar nesta área, recorrendo a formação específica com um programa de implementação faseada. É possível fazer com que a circulação documental seja agilizada através de uma plataforma que permite que toda a documentação circule entre os diferentes serviços e pessoas de uma forma mais ágil e digital traduzindo um impacto imediato

nesta área. Refere ainda que neste momento é muito importante estudar as questões relacionadas com a documentação produzida pelos estudantes, nomeadamente os seus trabalhos; perceber e definir internamente em conjunto com as coordenações de ano, coordenações de ciclo, com o CTC e outros órgãos da escola, até onde se poderá ir na desmaterialização desta documentação. Refere, ainda, que se deve promover uma prática personalizada no sentido de alertar os utilizadores para a redução da impressão de mails e documentos que lhe estão associados. Termina dizendo que existe uma prática comportamental que importa corrigir.

A conselheira Olga Ordaz referiu que o programa apresentado é pragmático e realista. Considerando a importância dos ensinamentos clínicos na formação dos estudantes pergunta como é que o candidato perspetiva as relações da ESEL com as instituições de saúde parceiras, nomeadamente no que respeita ao desenvolvimento das práticas clínicas.

Em síntese o candidato referiu que na sua perspetiva a relação com as instituições deve ser construída em parceria, deve ser trabalhada aos diferentes níveis e que importa avaliar e perceber os ganhos que as instituições têm com a presença da ESEL. Esta relação leva estudantes e docentes para as instituições e portanto a regularidade com que a escola e os seus docentes estão nas organizações tem que ser negociada desde o topo até aos setores intermédios, de forma a garantir que se concebiam dispositivos de formação e investigação que se traduzam num benefício para o estudante e que essa experiência traga benefício para escola. Refere ainda que o projeto formativo ganha força nas instituições e que a ESEL acompanha e realiza, por exemplo, através de workshops com orientadores clínicos para lhes dar a conhecer o processo formativo. Referiu ainda que era muito gratificante perceber que mesmo uma entidade que é gerida por um grupo público/privado como, por exemplo, o grupo Melo que está em Vila Franca, faz questão que a ESEL lá esteja e os ajudem a implementar no terreno um projeto que resulte numa mais-valia para as instituições e para os utentes. Termina dizendo que a qualidade desta relação é um desígnio da escola e faz criticamente parte do trabalho da ESEL.

A conselheira Graça Vinagre cumprimentou e felicitou o Prof. João Santos, questionando-o sobre qual a renovação que o Prof. prevê oportuna e necessária ao funcionamento e organização dos Departamentos da ESEL, para os tornar mais autónomos no exercício das suas competências estatutárias.

Em síntese o candidato referiu que habitualmente os Departamentos centram as suas atividades apenas nas respostas às necessidades pedagógicas ou científicas dos projetos formativos da escola, fornecendo recursos às diferentes unidades curriculares. Entende que, não abandonando esta missão, devem ter autonomia e sair para o “espaço exterior” com propostas inovadoras na área da formação, o que está dentro das suas atribuições estatutárias. Considera que, no âmbito desta autonomia, deve ter-se em conta as necessidades da escola e o seu enquadramento técnico e científico desenvolvendo iniciativas de outra natureza, como criar e divulgar o conhecimento produzido pelo próprio Departamento, nomeadamente através de projetos de investigação que venham a

ser integrados na unidade de investigação. Refere que os Departamentos, sabendo que têm essas atribuições, devem ser capazes de manter a sua total eficiência e assim poderem gerar receita, que resulte para o próprio departamento aumentar a sua intervenção e ter outras iniciativas sem estar dependente do orçamento que lhes é atribuído, conclui dizendo que um departamento ativo, dinâmico, cheio de iniciativa certamente será mais produtivo e trará mais resultados.

A conselheira Ana Melo, cumprimentou e felicitou o Sr. Prof. João Santos e referiu que, estando a ESEL a caminho do seu 12º aniversário, e fazendo a comparação com o ciclo vital, encontra-se na fase da pré-adolescência, com todos os desafios inerentes a essa fase, tais como: exigência, ansiedade e rebeldia, percebe a existência de alguma desmotivação e desagregação dos diferentes corpos da ESEL: administrativo e docente, pelo que questionou de que modo pensa promover a coesão, motivação e espírito identitário da ESEL.

Em síntese o candidato referiu que a motivação não é algo que venha do exterior, pelo que pensa motivar através de um estilo de liderança que seja presente, disponibilizar apoio, promover incentivos, reconhecer iniciativas realizadas pelos docentes e departamentos; através de uma equipa, pois acredito numa liderança em equipa e não sozinho.

A conselheira Ana Fialho cumprimentou o candidato e fez a seguinte pergunta: “relativamente ao 1º ciclo de estudos, nomeadamente na relação de parceria com os contextos de prática, como avalia a interação interdisciplinar e parceria com as equipas do contexto real, no desenvolvimento da orientação do ensino clínico, nomeadamente a necessidade de regulamentar (regulamento do ensino clínico)?”

Em síntese o candidato referiu que no processo de avaliação do curso da licenciatura, tem que estar presente a avaliação de cada unidade curricular e a sua relação com as que lhe estão ao lado, as que a precedem e as que lhe sucedem. Esse é um trabalho indispensável, porque esse trabalho é que permite identificar lacunas e sobreposições que são de evitar, para que o conjunto seja eficiente e harmonioso. Refere que isso foi definido, mas entende que nem sempre as coisas são desenvolvidas daquela forma, havendo um ponto em que se tem que parar para reanalisar e reformular se for o caso.

Relativamente aos ensinamentos clínicos diz que está de acordo e reforça que é fundamental o debate para que seja possível construir relações com as instituições de forma a conseguir dar corpo áquilo que são as orientações que constam dos regulamentos. Refere que está na hora de testar outros modelos de presenças nos campos de estágio que poderão oferecer respostas diferentes, e que se encontra disponível para participar nessa discussão. Reforça ainda, que faz sentido participar porque é importante equacionar se teremos que ter sempre o mesmo modelo ou se haverá outros caminhos.

A conselheira Odete Lemos e Sousa após cumprimentar o candidato e agradecer a reflexão que o seu plano de ação lhe proporcionou, referiu abster-se de o apreciar dada a

limitação de tempo, passando a apresentar a sua questão:” Gostava de ouvir a sua reflexão sobre como antevê articular a estrutura de ensino que temos atualmente no CLE, com um elenco de UC da área científica de enfermagem, organizadas numa perspetiva de ciclo de vida - o que contraria a especialização do percurso dos docentes com a estrutura departamental e a ui&de, nomeadamente, ao nível da produção de investigação e ainda a extensão à comunidade.”

Em síntese o candidato respondeu que a mudança na estrutura do CLE seria feita na sequência do ciclo de avaliação e assumiu que a matriz do Plano de Estudos é dissonante das especialidades que foram a base da formação dos docentes e que esta adaptação deve fazer face a uma harmonização entre o desempenho, a investigação e o trabalho pedagógico;

O conselheiro Manuel Silvério Marques salientou que o candidato teve um percurso de Enfermeiro de reabilitação, pelo que pede a sua opinião, face á realidade atual, de como lidar com a problemática dos acidentes vertebro-medulares? Colocou também a questão sobre quais as áreas científicas que são prioritárias para a formação dos enfermeiros.

Em síntese o candidato referiu que a problemática destas situações é muito importante, não pelo número que considera relativamente residual, mas pelo impacto que tem na vida das pessoas e o impacto económico que tem nos serviços de saúde, uma vez que são altamente consumidores de cuidados. Neste contexto entende que a intervenção mais eficaz será a prevenção.

Relativamente à 2ª questão, quando a ESEL construiu o curso de licenciatura, no seu plano de estudos, começou por questionar, “o que é isto de ser enfermeiro?”, “qual é a sua missão?”, e genericamente, a conclusão a que se chega é que os enfermeiros servem para ajudar as pessoas a viver as suas transições de vida, transições essas que acrescem vulnerabilidade à sua condição e que são transições de saúde/doença, transições situacionais da vida e da própria evolução do ciclo da vida. Neste sentido muito já foi feito, mas é ainda importante perceber que saberes é que são precisos para a formação. Temos a anatomia, fisiologia a patologia, para percebermos os processos da saúde/doença a antropologia, a sociologia, a psicologia do desenvolvimento, a psicologia mais geral, a comunicação, a ética, a aprendizagem ao longo da vida, a formação e desenvolvimento pessoal e profissional.

A conselheira Emília Brito formulou a seguinte pergunta: “Em relação ao projeto educativo da ESEL, e vou-me centrar no CLE, gostava de saber como está a planear a avaliação do atual plano de estudos e mesmo a sua reestruturação? Como pensa envolver a comunidade académica e as instituições parceiras, nomeadamente as que colaboram na aprendizagem dos estudantes em ensino clínico?

Em relação ao 2º ciclo gostaria de o ouvir sobre a reestruturação dos currículos e a relação com a Ordem dos Enfermeiros, mas também com as necessidades do cliente: pessoa, família e comunidade.”

Em síntese o candidato referiu que em relação à avaliação do CLE e não só, também do mestrado, existem ciclos avaliativos que a ESEL respeitará, e serão indicados os grupos que irão coordenar esta avaliação, pessoas que estarão muito ligadas às coordenações de ciclo inevitavelmente, até porque o próprio modelo de avaliação existente obriga à participação de estudante neste processo que certamente irão ser envolvidos nesse processo de avaliação e preparação do ciclo avaliativo. Entende que é o momento certo para fazer as alterações, que é a altura ideal para o reconhecer. Refere ainda que, relativamente à oferta do 2º ciclo, evidentemente que a ESEL está consciente daquilo que são as sucessivas alterações que vão sendo introduzidas pela Ordem em termos das áreas que serão objeto de formação. Neste sentido a ESEL estará atenta de forma a garantir que as mudanças sejam logo acompanhadas e clarificadas e que estejamos em condições de poder avançar, não apenas para responder a essas competências tal como foram definidas pela Ordem, mas a outras. Nada nos impede desenvolver outras competências de forma a adaptar àquilo que se pretende, podem não ser específicas na enfermagem, ou seja, podem ser multiprofissionais, multidisciplinares. É mais uma vez a oportunidade de olhar para a nossa oferta formativa, analisar como é que ela poderá dar resposta ao mercado, seja ele da OE, seja das instituições, seja do mercado no sentido aberto, o importante é ter uma oferta formativa flexível, inovadora e que seja atrativa.

A conselheira Ana Nunes de Almeida fez notar que a sociedade portuguesa mudara muito entre o momento em que o candidato iniciara a sua atividade profissional e o momento presente. Assim, perguntou-lhe como via, comparativamente ao passado, o papel do/a enfermeiro/a na sociedade portuguesa dos dias de hoje.

Em síntese o candidato referiu que nas últimas décadas do século passado se assistiu, também por iniciativa própria dos enfermeiros, a um desenvolvimento imenso, não só da enfermagem enquanto profissão, mas também enquanto disciplina com a integração no ensino superior, publicação do código deontológico, criação de uma Ordem dos Enfermeiros. Criou-se documentação fundamental sobre padrões de qualidade, competências do enfermeiro generalista, produzindo assim o enquadramento do exercício profissional. Reconhece que no fim do século se assistiu a uma certa paragem nesse desenvolvimento, o que veio a ter expressão ao nível da participação dos enfermeiros nos contextos de decisão, que foram sendo diminuídos e que passaram a ter mais dificuldade em fazer valer a sua perspetiva. Refere que a perspetiva dos enfermeiros perante as organizações prestadoras de saúde não é igual a nenhum dos outros profissionais, e é essa diferença que que lhes confere não apenas a riqueza, mas a importância de lá estar. As sociedades também se organizam e organizam também os *lobbies* em diferentes áreas. Pensando nos jovens em formação e nas suas futuras carreiras, é portanto, fundamental treiná-los em competências de liderança, de modo a que reivindiquem visibilidade e protagonismo nas equipas e locais onde trabalham.

A conselheira Isabel Félix colocou a questão: “Como planeia renovar o corpo Docente, se os que têm mais de 60 anos (que é o meu caso) não se podem reformar?”

Em síntese o candidato referiu que a renovação se fará por concurso, no limite da disponibilidade financeira da escola. Serão abertos todos os concursos que permitam fazer essa renovação; é claro que, pelo facto de muita gente ter mais de 60 anos, é previsível que também comece a haver algum abandono, no sentido de saídas para a aposentação. Estas saídas talvez não tenham uma expressão muito forte nestes 2 próximos anos, mas daqui a quatro, a cinco anos, vão ter um impacto importante. Neste sentido é preciso prevenir, tendo em conta o limite da disponibilidade financeira nessa área. É do conhecimento de todos que existem constrangimentos orçamentais, mas será usada toda a disponibilidade possível para fazer recrutamento, nomeadamente professores adjuntos, porque faz mais sentido entrarem na base da carreira e depois fazerem a sua carreira e a sua progressão dentro da escola.

O conselheiro João Rosado inquiriu o candidato acerca de como vê e considera em 2 ou 3 ações implementar atitudes que aumentem a participação dos estudantes em atividades de investigação e atividades pedagógicas culturais realizadas pela ESEL.

Em síntese o candidato referiu que é fundamental que os estudantes integrem os projetos desde as suas fases iniciais, que sejam um recurso, não têm que ser os investigadores, mas um projeto de investigação tem trabalhos de muita natureza e aprende-se fazendo. Assim, entende que é desejável que os projetos de investigação acolham os estudantes e se constituam em processos criativos, relevantes e de incentivo aos estudantes para que a sua participação possa ter algum resultado. Acredita que se se usar melhor as ferramentas que existem à disposição dos estudantes, deu o exemplo que o professor João Veiga tinha referido, e que esse pode ser um dos caminhos para que os estudantes adiram mais às atividades narrativas, independentemente de só presenciarem ou não presenciarem e que se sintam estimulados a participarem. Esse pode ser um dos caminhos possíveis, haverá outros, outras metodologias de ensino aprendizagem que podem ser utilizadas, mas talvez esta seja aquela que tenha um impacto maior e de mais interatividade para a participação dos estudantes.

A conselheira Margarida Alves inquiriu o candidato acerca de como perspectiva numa ou duas ações a criação de uma possível parceria entre a Universidade de Lisboa e a Escola Superior de Enfermagem, além do doutoramento.

Em síntese o candidato referiu que a parceria já existe a esse nível. Todos os projetos podem ser utilizados em parceria, já existem alguns projetos desenvolvidos com unidades da Universidade de Lisboa, projetos designadamente de investigação, muito recentemente foi candidatado um projeto, K2 do Erasmus com unidades da Universidade de Lisboa; entende que não há nenhuma limitação, a única limitação é a capacidade da ESEL para criar projetos, para convencer os parceiros e mostrar-lhes que faz sentido trabalhar com a ESEL e para que isso aconteça a ESEL tem que ser mais interativa e contar que os outros também têm parceiros. No entanto é preciso tomar a iniciativa, não ter medo e avançar, fazendo propostas, criando redes e usando-as, sendo que a experiência do que se faz hoje com uns pode ser um ponto de partida para outros projetos do futuro. O importante é

alimentar esta ideia e investir nos nossos projetos. Refere ainda que é fundamental fortalecer as relações com a Universidade de Lisboa, não só pelos projetos desenvolvidos, mas, porque a ESEL tem lá também o doutoramento.

A conselheira Manuela Marques colocou a seguinte questão: “considerando a matriz original da Enfermagem centrada no utente como foco da sua intervenção, considerando as circunstâncias que o rodeiam e a vivência que transporta, como é que entende que a ESEL pode garantir a fidelidade a princípios e valores essenciais e intemporais da profissão, nomeadamente o da humanização dos cuidados, numa sociedade fortemente individual, hedonista e desumanizada?”

Em síntese o conselheiro referiu que a área humanista da formação da enfermagem está presente em todos os projetos formativos da ESEL. Refere que atualmente a prestação de cuidados de serviços de saúde e a enfermagem muito em particular, é muito influenciada por condições que condicionam o exercício de uma profissão, de uma forma mais presente e personalizada junto do cliente. Entende que não é fácil, porque a atração daquilo que é equipamento, o que é práticas muito instrumentais, é grande, mas entende que é preciso fazer valer o impacto que tem na vida das pessoas as ajudas que não são apenas de natureza instrumental, associadas a outras dimensões de cuidar, da relação e da comunicação. Alude a que o perfil do licenciado da ESEL, tem essa dimensão expressa num dos seus aspetos, além do aspeto ético da prática, da comunicação e relação terapêutica é outro dos aspetos críticos relativamente ao futuro daquilo que se faz na ESEL nas unidades curriculares, mas também nos ensinamentos clínicos. Essa dimensão é muito valorizada até nos instrumentos de orientação e de avaliação faz com que esse ponto, aquilo que é o exercício profissional competente seja referido em todas as instâncias do percurso formativo dos estudantes.

O Presidente/Conselheiro Luís Lapão – deu a palavra ao candidato, de modo a, no tempo restante, clarificar aspetos do seu plano de ação e completar respostas.

Em síntese o candidato referiu que a ESEL reestruturou o seu plano de estudos identificando as áreas que já referiu anteriormente tendo em conta este perfil profissional. Refere que se organizou o conhecimento da enfermagem procurando conhecer bem os processos da saúde e da doença, e também conhecer bem os contextos em que as pessoas trabalham, em que vivem e estudam, e foi nessa conjugação de conhecimento que alicerçou o diagnóstico dos problemas e se planeou o plano de estudos.

Ainda concluindo outra questão, referiu que foram incluídas no perfil do enfermeiro as questões da liderança e que, os enfermeiros hoje têm competências na área da liderança que também os permitiria assumir qualquer papel em qualquer instituição e qualquer que seja o seu contexto. Refere que os outros profissionais nem todos têm essas competências, contudo, isto é a realidade da formação, outra coisa é a realidade social em enquadramentos profissionais, nem sempre no trabalho existe sintonia, mesmo na Europa nem sempre há sintonia. Por exemplo os países nórdicos onde os enfermeiros têm papéis diferentes em relação aos países do sul por razões que talvez se pudessem aqui discutir,

ou dos países de leste, percebe-se que existe uma grande assimetria, neste sentido procura-se o equilíbrio mas este é difícil, porque há muitos fatores que condicionam este equilíbrio, mas a responsabilidade da ESEL é criar profissionais com as competências, essa é responsabilidade da ESEL. Termina dizendo que é preciso trazer a comunidade à ESEL e levar a ESEL à comunidade, porque só assim as competências são reconhecidas.

O Presidente do CG, deu por terminada a sessão de perguntas, agradecendo ao candidato João Carlos Barreiros dos Santos.

De seguida convidou a candidata, Maria Adriana Pereira Henriques nos termos do regulamento da eleição do Presidente da ESEL, a apresentar o seu currículo, seguido da apresentação do seu programa de ação para o quadriénio de 2019-2023.

Após a candidata ter terminado a apresentação do currículo e do plano de ação, o Presidente do CG, deu início à sessão de perguntas.

A conselheira Manuela Marques colocou a seguinte questão:” a estrutura da ESEL compreende, entre outros, serviços dependentes diretamente da Presidência, alguns deles que têm inerente uma relação da Escola com outras instituições, seja ao nível da promoção da empregabilidade dos formandos da ESEL e da criação de emprego, ou do voluntariado e cidadania, no apoio a populações de especial vulnerabilidade e na colaboração em projetos de combate à exclusão social.

Assim gostaria de saber qual a importância que atribui a esta relação da ESEL com as instituições da sociedade civil e de que modo pretende desenvolver esta vertente se for eleita Presidente da Escola.”

Em síntese a candidata referiu que a questão colocada é muito pertinente e tem sido para si uma preocupação e que está de acordo com a ajuda que se tem que dar ao desenvolvimento dos estudantes nas suas competências transversais de ser cidadão, porque ser cidadão envolve realmente o voluntariado e o dispor-se ao outro, e poder integrar essa ajuda nas atividades do seu dia-a-dia no seu estilo de vida. O dar-se ao outro e o ser capaz nestes processos de parceria, escolas-organizações, pode ser uma via. A ESEL tem tido algumas dessas parcerias, mas crê que se pode continuar a desenvolvê-las, desde a possibilidade de os estudantes darem horas, como por exemplo, dar horas de solidariedade e de apoio a pessoas isoladas e sós, substituírem-se em algumas tarefas que por si só as pessoas mais vulneráveis não são capazes de fazer. Refere que é uma boa perspetiva de valorizar, no contexto daquilo que acredita que é a solidariedade e o desenvolvimento no ser completo de cidadão. É isso que se tem que manter como uma boa obrigação. Por exemplo, este processo de voluntariado contribui para a sua formação humana num caminho de parceria com os professores.

A conselheira Margarida Alves inquiriu a candidata relativamente a que novas metodologias e estratégias implementaria de forma a aumentar a divulgação dos projetos da ESEL nacionais e internacionais, com o objetivo de fomentar a participação dos estudantes do CLE nos mesmos.

Em síntese a candidata referiu que a ESEL tem tido experiências recentes, concretamente, os jovens e a liderança, os projetos que se têm tido recentes na escola têm permitido que os estudantes consigam ter uma vertente mais científica, perceberem como utilizar a investigação, como desenvolver competências para jovens líderes e de que modo divulgar os resultados dessa parceria. A ESEL está neste momento a preparar os estudantes que participam nesses projetos, eles próprios estão sobre a nossa orientação a desenvolver comunicações para apresentarmos em próximos congressos nacionais de modo a divulgar exatamente de que modo é que os estudantes vão participar. Já se propôs e também já foi aceite que aqueles que participam tenham o estímulo quase como um prémio, o reconhecimento de terem participado e verem isso valorizado, associado ao seu diploma, fazendo parte no suplemento ao diploma essa participação. Entende que esta participação é importante quer ao nível da licenciatura quer ao nível de um mestrado ou quer ao nível de doutoramento, mas é fundamental começar ao nível da licenciatura. Refere ainda que tem acontecido que os estudantes participam, sob forte orientação, como não poderia deixar de ser, de um investigador e professor, quer na leitura e interpretação do conhecimento e para além dos artigos científicos, quer no modo como fazem a utilização desse conhecimento na sua própria “clínica”.

O conselheiro João Rosado inquiriu a candidata referente a como considera auscultar as preocupações e vontades dos estudantes e implementar estratégias soluções para as mesmas?

Em síntese a candidata referiu que se a ESEL não ouvir os estudantes, não sabe o seu sentir, e as suas dificuldades – logo, será através dos próprios órgãos em que se inserem agora que a sua participação democrática, em cada um deles deve ser muito valorizada, deve ser muito estimulada, para que aí explicitem as suas dificuldades, as suas necessidades mas também o seu desconforto, o estudante deve estudar para isso e até se consegue distinguir aquilo que entendem que deve ser o mote de ver esses debates. Se chegar até nós, podem conseguir-se dentro dos próprios cursos organizar, independente do nível em que cada um está dentro das unidades curriculares, módulos para os estudantes fazerem este treino de serem capazes de argumentar em torno de um assunto que lhes é importante para aquela unidade curricular. Considera ser importante para estimular esta capacidade de o estudante olhar para o foco da temática, ser capaz de argumentar ou contra-argumentar, desenvolvendo as suas capacidades de tomada de decisão e pensamento crítico no momento em que for chamado para o fazer em tudo que está relacionado com o cuidar das pessoas e em termos de enfermeiro do futuro.

A conselheira Isabel Félix referiu que a candidata assinalou a necessidade de reformulação dos cursos de Mestrado da ESEL; questionou como pensa lidar/gerir a postura da Ordem dos Enfermeiros, que pode ser entendida como pondo em causa a autonomia científica-pedagógica da ESEL?

Em síntese a candidata referiu que a Ordem é a associação que regula a profissão da Enfermagem, e o seu foco é na regulação da profissão. Perceber-se que há um

determinado momento em que a Ordem extravasa as suas competências do ponto de vista da imposição, quando define quantos Ects e quais os conteúdos que devem permanecer. Entende que num diálogo entre as escolas, a Ordem e a própria agência que regula os cursos do ensino superior tem que se encontrar um modo de negócio e de diálogo. Refere que este já foi iniciado de certo modo e a Ordem está a tentar não abdicar da sua vertente de regulador do ensino, impondo 5, 4, 10 ou 6 Ects, conteúdos x, y e z para a organização dos cursos. No seu entender está seguramente a ultrapassar as suas competências e portanto tem que se encontrar aqui um espaço de diálogo, mas entende que a escola deve olhar para a necessidade de manter o seu próprio legado, para aquilo que são as necessidades emergentes de formação e que a escola, na sua autonomia, entende como deve fazer e regular. Fará algum sentido ESEL fazer uma estabilização e estar atenta até onde a Ordem quer interferir.

A conselheira Ana Nunes de Almeida fez notar que a sociedade portuguesa mudou drasticamente na última década e que, portanto, os doentes de hoje têm provavelmente características diferentes das do passado. Perguntou à candidata se concordava com esta afirmação e que fundamentasse a sua resposta.

Em síntese a candidata referiu que concordava plenamente. Pela sua experiência em relação ao início da sua profissão (trabalho com pessoas idosas, em casa) deparamo-nos hoje com uma grande solidão dos idosos em situação vulnerável a necessitar de cuidado em casa, do enfermeiro ir a casa, da sua preparação de como cuidar de pessoas idosas em situação vulnerável. É com isto que o enfermeiro atualmente é confrontado: necessita de transpor para outros contextos esse modo de cuidar, devendo ser competente na relação com o outro e na disponibilização do tempo para o outro, porque as pessoas são diferentes e têm necessidades diferentes. Questiona como se preparam enfermeiros para enfrentar estas e outras realidades como a questão da mobilidade, migrações, multiculturalidade. A ESEL terá um papel a desempenhar nesta aproximação, através da promoção de iniciativas de voluntariado, no desenvolvimento formal de competências de cidadania, porque só assim se conseguirá dar resposta e visibilidade a esta necessidade da centralidade, da importância do enfermeiro que cuida de pessoas com necessidades fundamentais - do comer ao vestir, passando pela higiene.

A conselheira Emilia Brito referiu que se ia centrar no CLE, cuja estrutura curricular engloba 2 anos de teoria e 2 anos de ensino clínico, em que os docentes estão em simultâneo e ao longo do ano nas duas áreas. Os docentes da escola estão na componente teórica do curso e temos cerca de 100 colaboradores a tempo parcial nos ensinos clínicos. Gostaria que falasse em 2 ou 3 estratégias sobre o acompanhamento do docente ao estudante no ensino clínico, porque é este o contexto onde se faz a articulação da teoria e da prática, e a relação com a humanização dos cuidados.

Em síntese a candidata referiu que a grande estratégia são as parcerias com as organizações. Entende que, se considerarmos que 50% do ensino é feito em contextos de prática clínica, com o acompanhamento dos enfermeiros orientadores clínicos, serão estes

e os professores, em conjunto, os responsáveis pelo processo de aprendizagem dos estudantes. Esta é a grande capacidade - a de se poder ajudar o estudante a desenvolver-se na prática clínica através desta parceria docente - enfermeiro da prática.

Refere que o modo como o docente poderá dar resposta do ponto de vista teórico e de diferentes unidades curriculares, pensa que será, quer dentro das unidades curriculares quer no Conselho Científico, onde se poderá tentar, por um lado estruturar algumas aulas mais teóricas na tentativa da rentabilização do tempo, através de tecnologias e centrar alguns docentes nesse acompanhamento teórico, teórico/prático e de prática/laboratorial, poderá ajudar a rentabilizar o tempo do professor.

Refere ainda que o professor tem 50% do curso em sala de aula e 50% em ensino clínico sendo difícil ao professor gerir esta dispersão, e por isso é necessário algum cuidado atempado e competente, para melhor poderem acompanhar o desenvolvimento do aluno.

O conselheiro Manuel Silvério Marques realçou alguma “tensão” entre método clínico e método científico – na prática como fazer? Consta a linguagem “empresarial” a entrar nas instituições – como gerir?

Em síntese a candidata referiu que relativamente à primeira questão, a prática deve refletir o conhecimento que é desenvolvido na academia e o modo de como é que o mesmo se aplica. Refere que hoje o conhecimento não se faz só com a estatística, faz-se da narrativa das pessoas e também se faz de avaliar alguns resultados, esta complexidade de métodos e modos de facultar a evidência é a sua forma de estar. Aproveita o diálogo das pessoas e tenta articular essa narrativa e esse discurso para de um modo mais quantitativo, possa vir a evidenciá-lo. No que se refere aos estudos controlados tem que dar valor às pessoas ouvi-las e perceber se aqueles nomes são reais ou sentidos para ela própria é o seu modo de fazer investigação. No que se refere à segunda pergunta, tenta acompanhar a sociedade em desenvolvimento e tenta viver na ciência humana, tenta ainda ver o outro com rigor e perceber de que modo é que alguma tecnologia a poderá facilitar em tarefas de forma ficar com mais tempo para o diálogo com o outro. Interpreta e traz o desenvolvimento da área tecnológica para as ciências humanas, mas não perde a centralidade do outro.

A conselheira Odete Lemos e Sousa após cumprimentar a candidata e agradecer a reflexão que o seu plano de ação lhe proporcionou, referiu abster-se de o apreciar dada a limitação de tempo, passando a apresentar a sua questão: "Gostava de ouvir a sua reflexão sobre como perspectiva a reorganização dos Departamentos, da ui&de e da investigação no Doutoramento, como forma de produção de conhecimento que alimente a lecionação de aulas no CLE?"

Em síntese a candidata referiu que o Doutoramento produz e consolida conhecimento, que é vital para a disciplina e para a profissão, que idealmente esse conhecimento deveria ser utilizado nos diferentes ciclos de estudo e não só os "manuais escolares", havendo já

algumas UC que utilizam esse conhecimento, mas sendo mais difícil, para algumas UC, fazê-lo.

A Conselheira Ana Fialho referiu que relativamente ao 1.º ciclo de estudos, no que diz respeito ao desenvolvimento da aprendizagem em contexto de prática e parceria institucional, como pensa as modalidades de ensino e acompanhamento do estudante, intercedendo as duas vertentes, contexto de prática e escolar, para a sua operacionalização.

Em síntese a candidata referiu que do ponto de vista teórico os docentes não estão a desenvolver prática clínica porque com a exclusividade ela não é reconhecida, porque ao inscreverem-se na Ordem enquanto professores, teoricamente não desenvolvem a prática. No entanto refere que ao acompanharem os alunos nas suas práticas clínicas estão também eles a praticar e a desenvolver prática clínica, mas não se pode dizer que o docente exerce prática clínica. Neste contexto existe outro parceiro que está com a ESEL nesse desenvolvimento e é nessa situação que o professor vai acompanhando e ajudando a desenvolver o estudante nessa mesma prática clínica que está sob a supervisão do enfermeiro da clínica. Refere ainda que tem dúvidas se este é o melhor caminho em termos de qualidade, professor ou enfermeiro no que respeita à organização de trabalho e da exclusividade que lhes é imposta.

A conselheira Ana Melo cumprimentou e felicitou a Sr^a Prof^a Adriana Henriques e enunciou uma questão semelhante à elaborada ao candidato anterior:

Dou-me conta que o seu programa está muito focado para o exterior e, uma vez que a ESEL está a chegar ao 12.º aniversário, e fazendo a comparação com o ciclo vital, encontra-se na fase da pré-adolescência, com todos os desafios inerentes a essa fase, tais como: exigência, ansiedade e rebeldia, perceção da existência de alguma desmotivação e desagregação dos diferentes corpos da ESEL: administrativo e docente, de que modo pensa promover a coesão, motivação e espírito identitário da ESEL?

Em síntese a candidata referiu que através da reorganização de departamentos; numa atitude de não nos fecharmos uns aos outros; aumentando a partilha e interpenetração entre as diferentes especialidades; proporcionar momentos de lazer, de debate, num espaço alargado, conhecermo-nos melhor; a ESEL deve rentabilizar os seus espaços promovendo espaços de discussão de modo a poder veicular as nossas opiniões.

A conselheira Graça Vinagre após ter cumprimentado e felicitado a candidata, elaborou a questão, “Cruzando o Objetivo 2, onde preconiza desenvolver o ensino com o estudante no centro do sistema de aprendizagem, com o Objetivo 5, relativo à promoção da responsabilidade social e onde inclui o apoio ao GAPE (Gabinete de Apoio Psicopedagógico ao Estudante), sendo este um Gabinete que visa a promoção do desenvolvimento psicoafectivo como uma dimensão fundamental à saúde e bem-estar do estudante e ao seu sucesso académico, como equaciona este apoio que refere no seu programa? Gostaria que clarificasse?”

Em síntese a candidata referiu que o GAPE para ela é um gabinete de muita valorização e que pelos relatórios que leu, este gabinete, apesar dos poucos recursos humanos tem grande trabalho que tem sido feito na integração dos estudantes no ensino superior e que valoriza muito. Propõe-se valorizar e responder às necessidades que o gabinete for manifestando, com vontade de o fortalecer e apoiar de acordo com as necessidades que forem expressas pelo gabinete e das necessidades sentidas pelos estudantes. Tem conhecimento que o gabinete tem tido um forte resultado no sucesso dos estudantes, do seu processo de aprendizagem, de estudantes deslocados, de estudantes com maior dificuldade nessa aprendizagem e por isso disponibiliza-se para apoiar o gabinete sempre que necessite de recursos para dar resposta à abrangência dos problemas que lhe forem sendo colocados e das necessidades dessa abrangência.

A conselheira Olga Ordaz cumprimentou a candidata e fez a seguinte pergunta: na leitura do programa surgiram-me dúvidas sobre o âmbito e a estrutura do centro de oferta formativa que propõe. Qual será a sua constituição e estrutura? Como é que ele se insere na atual organização da escola e se articula com as estruturas matriciais previstas nos estatutos, bem como outras existentes, nomeadamente com o Gabinete de Oferta Formativa?

Em síntese a candidata referiu que tinha imaginado este centro para dar resposta a docentes, não docentes, estudantes, público em geral alargado. A sua ideia é um sentido de formação alargado com diferentes formas de organizar essa formação para os diferentes públicos, articulados com a estrutura da ESEL, com os próprios mestrados e com a própria necessidade de formação complementar do CLE e também revalorizar a vertente de pedagogia para o professor. Acredita que se perdeu tempo na formação da especialização e do seu conteúdo, perdendo-se a vertente do professor, de como é que ensina ou deve ensinar, quais são as técnicas pedagógicas que deve desenvolver e como se desenvolvem. Na sua perspetiva a ESEL tem recursos no corpo docente que pode aproveitar, nomeadamente, professores doutores em ciência da educação cujas competências poderiam ser rentabilizadas para o ensinar a ser professor.

A conselheira Alexandra Tavares de Moura cumprimentou a candidata e referiu-se ao facto de o segundo objetivo estratégico do programa apresentado, assinalar que a ESEL deve consolidar a frequência de estudantes internacionais na ESEL, tendo referido que esta é uma realidade que mais do que ser consolidada deve ser posta em prática. Referiu que o plano de ação refere que “contribuirão para este desígnio o Centro de Oferta Formativa, o Núcleo de ação social o GAPE”, tendo questionado em que medida podem estes gabinetes contribuir para esse objetivo.

Em síntese a candidata referiu que a ESEL tem tido mais candidatos do que o número de estudantes que as vagas permitem, e no caso da internacionalização não é a mobilidade como se tem feito, são os próprios indicadores de uma escola de qualidade que implicam esta internacionalização e é neste cruzamento que se questiona o modo como se vai trazer estes estudantes internacionais, sobretudo, para o nível da licenciatura; relativamente ao

nível do 2º ciclo, tem que se estudar o modo como ele se poderá articular. Refere ainda que admitindo que os estudantes internacionais que vêm completar o ciclo de estudo têm algumas vulnerabilidades, cruzar-se-á aqui com o Gabinete de Ação Social. Conclui que apesar de a ESEL ter mais candidatos do que vagas, entende que a multiplicidade de condições e de abrir uma escola ao mundo deve ser também uma preocupação.

O conselheiro João Veiga referiu que um dos aspetos que mais o preocupa, enquanto docente, é a qualidade da formação clínica. Neste domínio a nossa organização é difícil de explicar, sobretudo quando num Ensino Clínico participam mais de 70 docentes, a maioria contratados, que orientam 300 estudantes, em cerca de uma centena de serviços de saúde.

- Considera este modelo adequado?

- O que gostaria de mudar caso venha a ser eleita Presidente da ESEL?

Em síntese a candidata referiu que na época em que se tinha um número muito inferior de estudantes e refere-se à sua experiência, que se conseguia ter uma proximidade a esses estudantes no dia-a-dia da sua formação, mas a partir do momento que se aumenta para 350 estudantes e 100 colaboradores passa a ser uma preocupação da direção, Refere que se tem discutido muito no Conselho Científico esta problemática de baixar, aumentar ou manter o número de vagas, porque se notou que desde as unidades curriculares e do gabinete de gestão e de ensinamentos clínicos, desde as coordenações de curso, perspetivam o modo como é que isso pode ser preparado, face àquilo que é exigido para o exterior e também que imagem a ESEL está a dar para a comunidade, quando existe necessidade de enfermeiros. Neste contexto, propõe que só será possível fazer caso a caso e nas unidades básicas, de baixo para cima e a direção apoiar os esquemas e os modos diferentes que possamos em cada contexto encontrar o melhor método de o conseguir.

O Presidente/Conselheiro Luís Lapão – deu a palavra à candidata, de modo a, no tempo restante, clarificar aspetos do seu plano de ação.

Em síntese a candidata referiu que se questiona sobre a forma como se poderá organizar as equipas sob o ponto de vista teórico, para que o professor leccione aquilo para o qual considera que é o mais competente para lecionar, porque tem conhecimento, porque isso acontece em algumas unidades curriculares e outras revelam esta necessidade de organização. Assim, propostas específicas no Conselho Científico para se poder perceber de que modo é que melhor se adequam essas unidades curriculares à disponibilidade das competências que temos enquanto professores. Propõe também investir muito na aproximação às organizações, e nesta aproximação, questionar-se como é que se pode criar condições para continuar a ser professor e a ser competente clinicamente, a ter credibilidade clínica, para não dissociar este desenvolvimento do conhecimento teórico. Neste contexto é muito importante que a ESEL trabalhe com as organizações, esta aproximação poderá resultar numa mais-valia para essas organizações, porque têm ao seu dispor profissionais com doutoramento e títulos de especialistas da ESEL, o que lhes permitirá desenvolver alguns projetos. Refere ainda que tem como

desafio a reorganização das equipas das unidades curriculares e a complementaridade nestas parcerias apostando nas organizações.

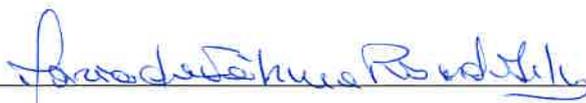
Nada mais havendo a tratar o Presidente do CG deu por encerrada a reunião pelas treze horas e quinze minutos, da qual foi lavrada a presente ata.

O Presidente do Conselho Geral



Prof. Doutor Luís Velez Lapão

A Secretária do Conselho Geral



Maria de Fátima Rosa da Silva